

DOSSIÊ 33: A AUTOETNOGRAFIA NA LINGUÍSTICA APLICADA: RUPTURAS, DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS.

DOSSIER 33: AUTOETHNOGRAPHY IN APPLIED LINGUISTICS: RUPTURES, DISPLACEMENTS AND TRAJECTORIES

Lívia Fortes¹, Fabrício Ono²

¹ Universidade Federal do Espírito Santo (UFES), Vitória, ES, Brasil

Orcid <https://orcid.org/0000-0002-1765-0531>

e-mail lifortes2011@hotmail.com

² Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), Três Lagoas, MS, Brasil

ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-9126-7402>

Email: fabricio.ono@ufms.br

Recebido em 01 de maio de 2025

Aceito em 09 de maio de 2025.

Contra as ideias, a força das ideias!

Florestan Fernandes

Ex nihilo nihil fit, provérbio atribuído ao filósofo grego Parmênides, pode ser um ponto de partida para pensarmos a organização deste dossiê em 2025, três anos depois do fim do isolamento social causado pela pandemia do Coronavírus, período no qual fomos “convidados” a rever nossas relações conosco mesmos, com a sociedade e com o mundo. Além disso, anterior e paralelamente, temos testemunhado o crescente aumento da polarização política e tentativas de desmerecimento e invalidação das universidades públicas brasileiras. Por isso, o pensamento de Parmênides de que nada surge do nada, aliado com a sugestão de Florestan Fernandes sobre a força das ideias, é essencial para apresentarmos este volume dedicado a trabalhos focados em uma perspectiva metodológica que transborda as fronteiras de ontoepistemologias coloniais, tradicionais e cartesianas e tenta romper com posicionamentos científicos “canonizados”, limitantes e enrijecidos.

Como estratégia de provocar os leitores, abrir espaço para diálogos e fomentar provocações para pensarmos a imprevisibilidade do devir, assim como uma pandemia ou o fortalecimento de ideias que macularam o passado da humanidade e voltam a ter força na contemporaneidade, trazemos os seguintes questionamentos: Por que precisamos de autoetnografia? Que diferença ela pode

fazer para o mundo acadêmico e para quem se aproxima dela? O quão impactantes podem ser estudos e escritas/performances/obras autoetnográficas? Quem se beneficia delas? A autoetnografia pode ser excludente? Para quem? Onde?

A partir de questionamentos dessa natureza, bem como de outros que certamente já atravessaram os pensamentos e a práxis acadêmico-científica de muitos/as, surgiu a proposta de organização do presente dossiê. Para além da crescente adesão de pesquisadores das Ciências Humanas, em especial, da Linguística Aplicada Crítica, a esta metodologia científica permeada por incertezas, devires, vulnerabilidade, e pela exposição e valorização da subjetividade de quem pesquisa, ainda precisamos lidar com a pouca abertura de revistas e periódicos científicos "qualificados" para veicular e disseminar estudos e escritas autoetnográficas. Assim, aqueles que se aventurarem na leitura dos textos que compõem esta coletânea, provavelmente, serão afetados pela possibilidade de pensar e fazer pesquisas para além daquilo que já foi posto, dado, imposto ou consagrado.

Nessa toada, portanto, apresentamos o Dossiê 33: **A AUTOETNOGRAFIA NA LINGUÍSTICA APLICADA: RUPTURAS, DESLOCAMENTOS E TRAJETÓRIAS**, buscando contribuir com o campo de pesquisa em voga, bem como dando voz para que pesquisadores dessa rica abordagem metodológica se façam presentes e reconhecidos, promovendo trocas por meio de escutas acadêmicas honestas, empáticas, subjetivas e acima de tudo, decoloniais.

Entendemos que a decolonialidade enquanto ontoepistemologia em muito se alinha à autoetnografia no que tange à desuniversalização de saberes e, conseqüentemente, à abertura à pluralidade de formas de fazer ciência e, sobretudo, formas de vida. Essa mesma valorização da pluralidade permite que a autoetnografia venha ao mundo de formas diversas - como duoetnografias, trioetnografias, relatos autoetnografados, dentre outros - além da possibilidade de ser materializada em múltiplas semioses enquanto escrita/produção de textos, poemas, dramaturgia, imagens, música e performance.

Aqui apresentamos 10 artigos, caracterizados por relatos de pesquisa e estudos de natureza autoetnográfica. Alguns deles conseguem incorporar de forma mais explícita e pulsante algumas das características da escrita autoetnográfica;

outros parecem ainda estar em processo de apropriação dessas características que, sabemos, não costumam ser muito exercitadas no mundo da escrita acadêmica. Entendemos que essa abertura, por parte do corpo editorial, seja necessária para que a autoetnografia passe a ganhar cada vez mais visibilidade e alcance, além de entendermos que ela nem sempre se manifestará de formas homogêneas e pré-determinadas. Temos ainda um longo caminho a percorrer rumo à decolonialidade da pesquisa e da práxis acadêmica, inclusive da autoetnografia, e acreditamos que essas leituras possam nos indicar oportunas possibilidades de rupturas, interrupções e insurgências. Sendo assim, em uma coletânea ancorada em propostas metodológicas autoetnográficas, os leitores irão perceber a diversidade de sentidos que são construídos sobre a metodologia, variando de posicionamentos mais abertos e pulsantes e outros menos, configurando a fluidez deste movimento metodológico.

Pela imprevisibilidade decorrente da proposta de um dossiê com chamada pública, notamos a variedade de subtemas que emergiram das contribuições apresentadas nos artigos deste dossiê, mostrando-nos, à grosso modo, que a autoetnografia já vem sendo empregada para diversos e determinados propósitos e em diferentes contextos de educação linguística e formação profissional. Sem pretender delimitar excessivamente as fronteiras ontoepistemológicas aqui discutidas, durante a organização do dossiê, notamos a convergência de sentidos emergentes pelas categorias que seguem: 1. a autoetnografia enquanto metodologia/práxis científica situada no campo dos estudos da linguagem; 2. a autoetnografia como proposta para a formação/práxis docente de professores de línguas, 3. autoetnografia e o ensino de inglês com crianças e para fins específicos, e 4. a autoetnografia relacionada a estudos identitários inseridos no campo da linguagem.

Ademais, notamos que a autoetnografia tem sido usada como forma de relatar experiências formativas e científicas vivenciadas e criticamente debatidas pelos/as autores/as-pesquisadores/as “num só depois”, sem que as mesmas tenham sido originadas em processos investigativos que previssem, a priori, a autoetnografia como metodologia de pesquisa. Ou seja, trata-se de uma metodologia maleável, flexível, mas que, nem por isso deve ser considerada rasa ou menos “confiável”.

Caberá sempre ao/a leitor/a a continuidade do exercício da crítica e da construção de sentidos, bem como de como poderá/deverá se responsabilizar pelo que lê, fazendo possíveis entrecruzamentos, e relacionando-se à sua maneira com o texto.

É sobre esse e diversos outros aspectos inerentes à autoetnografia que trata o primeiro artigo do dossiê: **“Autoetnografia: esse tal de roque enrow ou o que podemos (des-)aprender com ela?”**, escrito por Livia Fortes. Nele, a autora explora a natureza subjetificadora e emergente, bem como a “esponjosidade” da autoetnografia para tratar dela por meio de epifanias, registros pessoais de sua trajetória de aprendiz, professora e formadora de professores de língua inglesa. Embasam suas reflexões o pensamento decolonial e a crítica à ciência (tradicional) moderna, destacando o potencial da autoetnografia enquanto escrita auto-crítica marcada pela reflexividade e pela simbiose entre pesquisador/a, sua subjetividade e seu objeto de estudo.

A compreensão da autoetnografia como espaço de (trans-)formação docente está muito bem representada em 4 artigos da coletânea. No primeiro deles, Daniel de Mello Ferraz e Daniela Kanashiro apresentam uma duoetnografia intitulada **“Um breve decálogo sobre formação docente em línguas estrangeiras: diálogos autoenográficos entre formadores das áreas de inglês e espanhol”**. Inspirados pelo Decálogo da Desconstrução de Lima e Siscar (2000), os autores apontam para 10 proposições baseadas em suas próprias narrativas e experiências enquanto aprendizes e formadores em formação, dialogadas, por sua vez, a partir de escritos de reconhecidos autores e pesquisadores da educação crítica, da sociologia e da filosofia. O texto nos convida a nos engajarmos nas reflexões aderindo ao diálogo por eles iniciado, resgatando nossas memórias formativas e questionando-nos acerca de nossas próprias proposições.

“A formação de professores e indisciplina: Reflexões duoetnográficas de professores-pesquisadores-formadores”, escrito por Sergio Ifa e Benyelton Santos, apresenta reflexões escritas à 4 mãos discutindo uma experiência de formação continuada realizada no ano de 2022, em ambiente virtual, com professores de língua inglesa atuantes de diversas localidades do país. O diálogo interpretativo entre os autores emerge a partir de seus relatos e de relatos transcritos de alguns dos participantes da experiência formativa, e acaba

centrando-se na problemática da indisciplina em sala de aula, sem deixar de pontuar outro desafio bastante presente no cotidiano da educação brasileira: a neoliberalização.

O terceiro artigo que também versa sobre formação docente alinha a experiência autoetnográfica e os conceitos “sentipensar” e “corpovivência” para elaborar reflexões emergentes de vivências artísticas e afetivas na construção identitária de um docente de língua inglesa, o segundo autor do estudo, Santiago Vieira. Junto das demais autoras, Barbra Sabota e Vitória Silveira, são tecidas considerações acerca de eventos e memórias associados a emoções, experiências artísticas e vivências escolares e universitárias do segundo autor (incluindo uma autoetnografia escrita como seu trabalho de conclusão de curso), até o momento em que os 3 se encontram e passam a se relacionar na academia. O estudo denominado **“Afetividarte e Formação Docente: registros autoetnográficos a seis mãos”** mostra como experiências pessoais artísticas (e afetivas) podem ser tensionadas de forma a dialogar com dinâmicas e processos de formação profissional, incidindo em novas/outras escolhas didático-pedagógicas e numa maior amplitude da compreensão da práxis docente.

Em **“Professora hacker: o percurso autoetnográfico de criação de um aplicativo de realidade aumentada para o ensino de Língua Espanhola”**, Emanuele Krewer e Camila Lawson Scheifer discorrem sobre “o sujeito hacker” que, segundo descrevem, é motivado por novas descobertas para demandas sociais por meio de artefatos tecnológicos, numa dinâmica recorrente de tentativa e erro. O artigo, portanto, apresenta o percurso autoetnográfico de uma professora de espanhol ao mesmo tempo em que pesquisa sua própria prática ao investir na construção de um aplicativo de realidade aumentada para o ensino de vocabulário dessa língua. A reveladora experiência narrada pelas autoras mostra que ao enfrentar os inúmeros desafios de ordem técnica, emocional e pedagógica, a professora hacker vivenciou a experimentação de práticas que podem ser oportunas e pertinentes a processos formativos de professores na era digital, especialmente quando apoiados em experiências autoetnográficas.

Ainda na esteira da formação docente, mas já adentrando no âmbito da educação linguística com crianças, o artigo escrito por Marianna Merlo e Renata

Souza apresenta um panorama de pesquisas autoetnográficas dessa área realizadas no Brasil, ressaltando o papel transformador dessa metodologia ao possibilitar que educadoras/es se percebam e se analisem criticamente enquanto conduzem suas práxis acadêmico-científicas. Apoiando-se na escrita autoetnográfica, baseada em relatos das autoras sobre seus processos formativos com a língua inglesa, o artigo **“Contribuições da Autoetnografia para a Educação Linguística com Crianças”** traz uma oportuna revisão bibliográfica de pesquisa nessa área e reitera o valor da autoetnografia para a promoção de rupturas e deslocamentos profissionais e identitários.

Versando sobre práticas de ensino e aprendizagem de inglês para fins específicos ou acadêmicos, 2 artigos nos mostram como a autoetnografia pode ser uma aliada de pesquisadores atuantes nessa área que, por sua vez, desejam exercitar olhares críticos e decoloniais para suas vivências em contextos onde a instrumentalização da língua e de seu uso poderia significar ausência de posturas reflexivas e situadas. Assinado por Areta Belo e Telma Gimenez, o artigo **“Identities in construction: a self-ethnographic account in the context of continuing education in English for specific purposes”** relata uma trajetória de formação continuada por meio da autoetnografia. Situada no âmbito de um programa voltado para o ensino de inglês para fins específicos, este, por sua vez, inserido em uma dinâmica de internacionalização do ensino superior, a narrativa autorreflexiva apresentada no artigo explora notas de campo e diários reflexivos da primeira autora, trazendo para o centro das análises e discussões aspectos identitários e socioemocionais inerentes à sua prática docente. Tensionadas inicialmente pela “síndrome do impostor”, as reflexões que emergiram desse processo revelam incertezas e inseguranças por parte dessa autora, além de também trazerem à tona ressignificações pautadas pela colaboração entre membros da equipe de trabalho, e por sua capacidade de resistência e automotivação para seguir na carreira docente.

Em **“Praxiologies (de)colonial in the scenario of English for specific purposes: self-ethnographic reflections of language teachers”**, a experiência situa-se também no âmbito da internacionalização do ensino superior, mais especificamente no Programa IFA (Inglês para fins acadêmicos) da

Universidade Federal do Espírito Santo. Os autores Douglas Freitas dos Santos e Cláudia Jotto Kawachi-Furlan discutem a complexidade de suas práticas embasadas em noções críticas e decoloniais referentes ao uso e desenvolvimento de materiais didáticos próprios/locais, bem como às noções de língua/linguagem e educação linguística que fundamentam seu fazer docente. Por meio de uma duetnografia, os autores apresentam suas reflexões a partir de suas narrativas profissionais-identitárias, atravessadas por excertos de conversas realizadas durante o processo formativo, onde o primeiro autor atuava como bolsista, e a segunda autora como coordenadora.

O último subtema explorado nos artigos reitera a intrínseca relação entre a autoetnografia e a complexidade de questões identitárias. A pesquisadora Joyce Rodrigues da Silva Magalhães apresenta um recorte de sua pesquisa de Doutorado enfatizando sua militância em torno do feminismo acadêmico pautado pela teoria matricêntrica. O estudo **“Pode uma mãe fazer Doutorado? Reflexões autoetnográficas sobre feminismo matricêntrico na academia”**, traz ricas reflexões decoloniais em busca de outras formas de resistir/re-existir de mulheres-mães por meio dos relatos “autoetnográficos-emocionados”, sugerindo possíveis caminhos para a redução das desigualdades de gênero no meio acadêmico, bem como, oportunamente, denunciando a urgência por políticas públicas que garantam maior acesso, permanência e progresso na carreira docente.

Finalizando o dossiê, o artigo **“Reviver o passado, sentir o presente e imaginar o futuro: desangulamentos autoetnográficos”**, escrito por Fabrício Ono, retoma discussões teórico-metodológicas iniciadas pelo autor à época de sua pesquisa de Doutorado, trazendo-as para o presente em sua escrita autoetnográfica e, por que não, confessional, definindo-a também como “um exercício de si”. Por meio dela, o autor nos provoca, nos envolve e nos mostra sua pertinência e força, tecendo considerações teórico-filosóficas atualizadas e que hoje se fazem presentes em sua práxis acadêmico-científica. Ao problematizar sobre como a autoetnografia ainda pode (ou deve) re-existir/resistir e se (re)afirmar enquanto metodologia científica, Ono provoca desangulamentos engendrados por atravessamentos decoloniais e problematizações contemporâneas da Linguística Aplicada, apresentando um panorama de pesquisas autoetnográficas no Brasil e enfatizando o

“espírito comunal” de quem legitima e se reconhece nesses/por esses estudos. Finalizamos o dossiê com suas inspiradoras e incisivas ponderações acerca da incessante “luta entre o bem e o mal acadêmico” a fim imaginarmos e construirmos um futuro mais acolhedor e humano para nossa práxis científica.

Diante do exposto, a materialidade apresentada neste dossiê endossa a fertilidade da autoetnografia como movimento metodológico na contemporaneidade, fortalecendo propostas que salientam a força da subjetividade e a necessidade de trazer os nossos corpos de volta para (re)pensarmos nossas ontoepistemologias diante das contingências nas diversas camadas e tecidos sociais, fortalecendo a busca por alternativas decoloniais em favor da construção de saberes, criticidade, justiça social e cidadania. Desejamos leituras prazerosas e instigantes para todos/as!

Sobre a autora

Lívia Fortes Silva Zenobio

Graduada em Letras Inglês pela Universidade Federal do Espírito Santo, tem mestrado em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais e doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). É Professora Adjunta no Departamento de Línguas e Letras da Universidade Federal do Espírito Santo atuando nas áreas de Letramentos e da Linguística Aplicada Crítica, com ênfase em Formação de Professores, Educação Crítica de Língua Inglesa, Letramento Crítico e Multiletamentos. Em recente Pós-Doc (2023-2024) desenvolveu a pesquisa “Autoetnografia de uma formadora sobre a práxis formativa do curso de Letras Inglês da Ufes: em busca de novos sentidos” sob a supervisão da profa. Dra. Walkyria Monte Mor (DLM/ USP).

Fabrcio Tetsuya Parreira Ono

Graduado em Letras- Português/Inglês, Mestre em Estudos Linguístico pela UNESP/IBILCE, Doutor em Letras pela USP. Professor do curso de Letras - Português/Inglês e do Programa de Pós-Graduação em Letras da UFMS, campus de Três Lagoas. Atualmente, suas pesquisas estão focadas na formação de professores pelo viés autoetnográfico, internacionalização do ensino superior, sociedade e redes sociais pela perspectiva decolonial.